

Discurso de crianças sobre a pesca artesanal e trabalho na comunidade da Pontinha do Bacuriteua na Amazônia Bragantina

Children's speech on artisanal fishing and work in the Pontinha do Bacuriteua community in the Bragantina Amazon

Marcos Vinicius Sousa de Oliveira
Ana Paula Vieira e Souza
Universidade Federal do Pará-UFPA
Bragança- Pará-Brasil

Resumo

A pesquisa é de abordagem qualitativa e objetiva analisar nos discursos de crianças os sentidos e significados sobre a pesca artesanal e trabalho. O estudo tem como *lócus* de investigação a Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua, localizada no entorno de manguezais da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, situada no município de Bragança-Pará. O estudo utiliza como procedimentos de coleta de dados a observação participante, roda de conversa e painel do trabalho. A análise dos dados é sustentada na técnica de análise do discurso em Bakhtin. Participaram da pesquisa 10 (dez) crianças com idades entre 08 a 12 anos. Os resultados apontam para uma intensa produção das culturas infantis, revela uma ampla interação das crianças com a pesca artesanal e o trabalho na Comunidade. A pesca artesanal apresentada no discurso das crianças é o lugar da alegria, do brincar e da formação da existência humana por meio da compreensão do trabalho realizado por seus familiares na Comunidade. Conclui-se que a singularidade das crianças concernente à pesca artesanal permite perceber que o caráter formativo da pesca artesanal está na relação entre saberes pesqueiros afirmando a presença do trabalho educativo como formador da vida social.

Palavras-chave: Criança. Pesca Artesanal. Trabalho. Saberes Tradicionais.

Abstract

The research is qualitative approach and aims to analyze in the children's discourses the meanings and meanings about artisanal fishing and work. The study has as its locus of investigation the Pontinha do Bacuriteua Traditional Community, located around the mangroves of the Caeté-Taperaçu Marine Extractive Reserve, located in the municipality of Bragança-Pará. The study uses as data collection procedures the participant observation, conversation wheel and work panel. Analysis is supported by the discourse analysis technique in Bakhtin. Ten (10) children aged 08-12 years participated in the research. The results point to an intense production of children's crops, reveals a wide interaction of children with artisanal fishing and community work. Artisanal fishing presented in the children's discourse is the place of joy, play and the formation of human existence through the understanding of the work done by their families in the Community. It is concluded that the uniqueness of children concerning artisanal fishing allows us to realize that the formative character of artisanal fishing is in the relationship between fishing knowledge affirming the presence of educational work as a shaper of social life.

Keywords: Kid. Artisanal fishing. Job. Traditional Knowledge.

1 Considerações iniciais

Este estudo é um recorte dos resultados do Projeto de Pesquisa: Infâncias entre Trabalho Educativo e Trabalho Infantil no Contexto de Comunidade Pesqueira, financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFGA), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador (PIBIC/PRODOTOR RENOVACÃO 2018-2019). Projeto que compõem as ações do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho e Educação, Núcleo Infâncias (GEPE/INFÂNCIAS).

A pesquisa apresenta como objeto de estudo os discursos de crianças residentes na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua, localizada no entorno de manguezais da Amazônia bragantina, sobre a pesca artesanal e trabalho. As crianças assumem a centralidade neste estudo, pois é no diálogo com e sobre elas, que buscamos conhecer o contexto pesqueiro da qual fazem parte. Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre seu espaço de convivência no cenário da pesca artesanal, significou compreender as particularidades das Infâncias da Amazônia bragantina, e as crianças desse contexto enquanto produtoras de ricas e intensas culturas infantis.

A diversidade sociocultural e geográfica do Brasil revela a existência de muitas infâncias vivenciadas por crianças ribeirinhas, quilombolas, do campo, de comunidade pesqueira, da cidade, as que trabalham e estudam, e as crianças que estão inseridas na exploração do trabalho infantil (SOUZA, 2009; DEL PRIORE, 2018). Cada criança em seu espaço/tempo de convivência apresenta sentidos e significados próprios que refletem a sua forma de ver e de pensar o mundo.

No contexto pesqueiro da Amazônia bragantina, as crianças estão inseridas em um intenso processo de produção cultural. Elas brincam, tomam banho no Rio Caeté, pescam, estudam, imaginam, interagem com seus pares, observam a dinâmica da Comunidade, constroem seus utensílios de pesca, ensinam e aprendem. Nesse processo de interação com o meio social pesqueiro, as crianças relacionam os elementos naturais e reconhecem o trabalho dos pescadores como fonte de sustento para as suas famílias.

A pesca artesanal desenvolvida como forma de sustento na Comunidade da Pontinha do Bacuriteua, revela-se como um elemento econômico e cultural que atravessa a dinâmica de vida de crianças e adultos. Desde muito cedo as crianças do contexto pesqueiro estabelecem relações dialógicas com a natureza, a pesca, o trabalho, o lazer, a

religiosidade, os mitos e as crenças, elementos que estruturam o seu modo de vida na relação com a Comunidade.

A pesca artesanal é compreendida pelas crianças como atividades de grande importância para a Comunidade. O trabalho nessa modalidade de pesca configura-se pela intensa relação entre o homem e a natureza na qual são postos em movimento braços, pernas e cabeça “[...] a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil para sua própria vida” gerando a sua subsistência, pois o trabalho é uma ação na qual o ser humano por sua própria vontade, movimenta, modela e determina sua relação com a natureza (MARX, 2010, p. 211). O trabalho nos discursos infantis assume a condição criadora, condição necessária para a existência humana, responsável por suprir as necessidades materiais do homem (SOUZA, 2014). O trabalho é concebido neste estudo como um direito e, ao mesmo tempo, um dever que deve ser apresentado às crianças desde a infância, não como uma obrigação, mas como um processo formativo, “[...] no qual o ser humano enquanto ser da natureza necessita elaborar a natureza, transformá-la, pelo trabalho, em bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais, biológicas, sociais e culturais” (FRIGOTTO, 2001, p. 74).

Frente a relação apresentada entre a pesca artesanal e trabalho, o estudo parte da seguinte questão: Que sentidos e significados são atribuídos nos discursos de crianças sobre a pesca artesanal e o trabalho? Para responder essas indagações apresentamos como objetivo geral: analisar nos discursos de crianças os sentidos e significados sobre a pesca artesanal e trabalho na Comunidade da Pontinha do Bacuriteua.

2 Percorso teórico-metodológico da pesquisa

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa. Para Chizzotti (2008) a pesquisa qualitativa consiste em uma relação entre sujeitos, contextos e fatos que estão articulados ao objeto da pesquisa, dessa relação é possível apreender sentidos e significados que somente são perceptíveis através do olhar e da escuta sensível do pesquisador sobre o contexto e sujeito pesquisado. Assim, interessa-nos construir uma relação dialógica com as crianças de modo a conhecer as suas percepções sobre o contexto pesqueiro da Amazônia bragantina e a forma como se relacionam com a pesca artesanal e o trabalho.

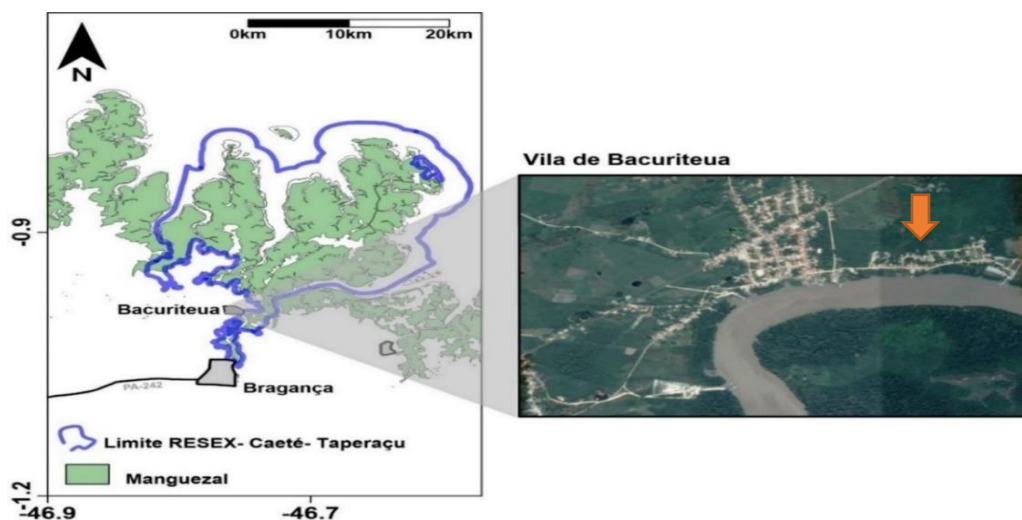
A pesquisa foi realizada na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua, Vila do Bacuriteua em Bragança-PA, localidade situada às margens da Rodovia PA-458,

Discurso de crianças sobre a pesca artesanal e trabalho na comunidade da Pontinha do Bacuriteua na Amazônia Bragantina

estrada que dá acesso à praia de Ajuruteua. A Comunidade fica no entorno da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (RESEX-MAR), sendo está uma área costeira de aproximadamente 42.000 hectares, banhada pelo Oceano Atlântico e pertence ao município de Bragança-PA (SARAIVA, ABDALA, WESLEY, 2012).

O objetivo principal da criação da RESEX-MAR de Caeté-Taperaçu foi o de “[...] garantir que as populações tradicionais [...] tenham resguardado o direito de uso dessas áreas para sua reprodução social” e o de preservar, para que pescadores e extrativistas de caranguejos possam desenvolver uma gestão que vise “à sua manutenção para as gerações atuais e futuras” (OLIVEIRA; MANESCHY, 2014, p. 131). Geograficamente, a RESEX-MAR de Caeté-Taperaçu possui Comunidades localizadas internas e no entorno dos seus limites espaciais. As Comunidades estão organizadas por 08 polos, dentre elas a Vila de Bacuriteua e a Pontinha do Bacuriteua. A ilustração a seguir mostra a localização geográfica da Vila de Bacuriteua e a Pontinha do Bacuriteua.

Figura 1- Localização da área de estudo



Fonte: Autores, 2019

A Pontinha do Bacuriteua, indicada pela seta vermelha na figura 1 (um), é uma Comunidade Tradicional distante à 08 km da área urbana do município de Bragança, possui uma intensa atividade econômica sustentada pela pesca artesanal e pelo extrativismo de caranguejo (*Ucides cordatus*), mexilhões (*Mytella sp*) e siri (*Callinectes spp*).

O primeiro contato com as crianças ocorreu na margem do Rio Caeté, observamos que as crianças estavam acompanhadas por adultos. Aproveitamos esse momento para perguntar se as crianças desejavam participar da pesquisa e de pronto aceite, ficou

deliberado uma reunião com pais e responsáveis para apresentar o plano de trabalho da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e autorização do direito ao uso das fotografias das crianças.

O TCLE foi construído obedecendo os aspectos éticos da pesquisa com e sobre criança afim de mantermos preservadas a suas identidades. No referido documento elegemos 8 (oito) itens¹ que especificaram a natureza da pesquisa bem como os procedimentos metodológicos adotados. Esclarecemos aos pais e responsáveis que o estudo não ofereceria nenhum tipo de risco a integridade física e moral das crianças (por esses motivos utilizamos nomes fictícios para citar os sujeitos participantes), além de não ter retornos financeiros para os pesquisadores e nem para as crianças participantes. Ressaltamos ainda que o uso de todos os dados coletados seria unicamente para fins científicos como publicações em periódicos e relatórios acadêmicos. Após o aceite dos pontos apresentados no TCLE pelos pais e responsáveis, o referido documento foi assinado e a pesquisa seguiu o cronograma do Plano de Atividade do PIBIC/PRODOUTOR (2018-2019).

A magia da margem do Rio Caeté na Pontinha do Bacuriteua se mostrou pelo intenso movimento das crianças com as águas, a pesca artesanal e a interação do trabalho educativo com os pais e responsáveis por elas. O Rio Caeté é lugar do banho, da pesca, do brincar e das interações sociais entre criança-criança e criança-adulto. Na Pontinha do Bacuriteua o rio é muito frequentado pelas crianças para atividades da pesca artesanal.

As crianças se misturam por idade e gênero, elas vivem e experimentam os recursos naturais, se apropriam dele e constroem suas culturas infantis pelo brincar, pela atividade da pesca e pela confecção do instrumento artesanais para a prática pesqueira. Optamos em realizar a pesquisa com 10 (dez), com faixa etária entre 08 (oito) e 12 (doze) anos, sendo estes matriculados em escolas da rede Municipal e frequentando o Ensino Fundamental Anos Iniciais. Todas as crianças são nascidas na Comunidade, moram com os pais, e/ou avós, outras apenas com o pai ou com a mãe.

Para coletar as informações sobre a pesca artesanal e trabalho, foi utilizado um conjunto de técnicas como observação participante, roda de conversa (sobre o tema pesca artesanal) e painel do trabalho (com o tema profissões), seguindo os critérios metodológicos de Souza (2014). Para a autora, a pesquisa com e sobre crianças deve ter o

princípio do brincar, caracterizado pelo uso de metodologias adequadas as idades, atividades criativas e lúdicas, que despertem nas crianças o desejo em participar do estudo.

A observação participante na concepção de Souza (2009; 2014) permite aos pesquisadores se aproximarem de crianças com a intenção de estreitar as interações acerca do objeto estudado. Para a autora é uma técnica criadora e investigativa e deve permear o tempo da pesquisa de campo empírico, um lugar da descoberta e da produção de outros conhecimentos. No período da observação participante as conversas com as crianças permitiram aos pesquisadores se aproximarem do contexto pesqueiro, da atividade cultural da pesca, do brincar, das interações geracionais com adultos, crianças e com os manguezais.

A roda de conversa é uma técnica defendida por Souza (2014) com fundamentos teóricos no campo da Psicologia Social, com base na técnica do Grupo Focal, que privilegia o partilhar de saberes da realidade histórico-cultural de crianças e permite a construção de diálogos sobre temáticas do seu contexto social. No Grupo Focal segundo Gatti (2005, p. 7) as pessoas participantes precisam “ter alguma vivência com o tema a ser discutido de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

O tema da roda de conversa foi a pesca artesanal, no qual buscou-se identificar os saberes tradicionais sobre a prática pesqueira; a pesca como sustento das famílias; a apropriação das crianças com a pesca e articulação desses conhecimentos tradicionais. O lugar a margem do mangue do Rio Caeté se transformou em palco das rodas de conversas, espaço lúdico, dialogado, afetivo, organizados com tapetes coloridos de tecido não tecido (TNT). Para dialogar sobre a pesca optamos por um roteiro de perguntas para servir de base para as interações. As crianças eram indagadas sobre: Como aprenderam a pescar? Que instrumentos utilizam na pesca artesanal? Como vocês realizam a pesca artesanal? O que pescam? Para você o que é a pesca a artesanal?

O painel do trabalho é uma técnica desenvolvida por Souza (2014), que permite a exposição de várias imagens acerca de um tema, a fim de extrair os discursos das crianças sobre a concepção de infâncias e crianças, o trabalho como profissão e o trabalho infantil. No painel usam-se recortes de revista coladas em papel cartão, cartolina, com tamanho 30x20cm (SOUZA, 2014). A referida atividade retratou as profissões, como:

professor, médico, doméstica, jogador de futebol, pescador, engenheiro civil, engenheiro de pesca, motorista, atriz, ator, cozinheiro, gari, cantor e outras imagens.

As crianças foram orientadas pelos pesquisadores sobre a atividade que realizariam, da seguinte maneira: cada criança deveria observar as imagens apresentadas e escolher duas que mais lhe chamasse a atenção. De posse das ilustrações elas foram indagadas da seguinte forma: O painel mostra imagens de quê? É trabalho? Por que você escolheu essas duas imagens e não outras? O que é trabalho para você? Criança trabalha? A pesca é um trabalho?

A pesquisa realizada com crianças exige dos pesquisadores, na leitura do material coletado, o cuidado com a linguagem, os termos linguísticos como expressões culturais, valores, costumes, crenças do contexto social, são elementos que colaboram para a compreensão do objeto pesquisado. Desse modo, os discursos das crianças foram mantidos conforme o uso da sua linguagem. As informações coletadas foram cruzadas a fim de observarmos pontos de proximidade e distanciamento entre uma atividade e outra, o que permitiu ajustar algumas ações no campo empírico.

As transcrições dos discursos seguiram a seguinte organização: Data de aplicação; instrumento de coleta de dados utilizado; nome das crianças e os discursos referentes às perguntas realizadas. A concepção de discurso em Bakhtin (2003) é o de se compreender que a linguagem é o elemento constituinte das interações sociais. A linguagem segundo o autor “só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. [...] constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem” (BAKHTIN, 1997, p. 183). A linguagem em qualquer campo de atuação, seja no cotidiano “está impregnada de relações dialógicas”, ou seja, tem que se transformar em discurso, que precisam se materializar no enunciado, “ganhar autor e criador do enunciado” (IDEM).

Assim, os discursos das crianças ganharam autoria a respeito de como a pesca artesanal e o trabalho assumem forma na linguagem e aproximam o enunciado do trabalho como princípio educativo. A construção do material de análise privilegiou a técnica da Análise do Discurso pela Filosofia da linguagem de Bakhtin (2004), com uso da categoria polifonia. A polifonia tem o sentido de um texto dentro de outro texto, para o autor representa outras vozes, falas entrelaçadas de outros enunciados discursivos. Então, aparecem nos discursos das crianças da Amazônia bragantina muitas vozes que emergem,

da pesca, do rio, do mar, do siri, do caranguejo, da escola, do adulto, do trabalho etc., outros textos estão presentes nas interações dialógicas.

As crianças anunciam a pesca artesanal pela voz do outro, a voz do pai, da mãe, a voz do adulto, todavia elas recriam outras formas de atuar na pesca. Desse modo, “é no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia” (BAKHTIN, 1997, p. 86). Essas vozes se cruzam e entrecruzam formando uma grande teia discursiva, que chega às crianças pelo processo de interação com outros sujeitos e com o meio social (BAKHTIN, 2004). A concepção de discurso em Bakhtin (2003) torna-se elemento importante para as análises dos dados, pelo fato do autor compreender que a linguagem é o elemento constituinte das interações sociais. Cabe aqui perceber como a pesca artesanal e o trabalho ganham sentidos e significados na linguagem das crianças e determinam seus processos de interação com o contexto pesqueiro.

3 Crianças e a pesca artesanal

Na pesca artesanal as pessoas movimentam as suas habilidades cognitivas e corporais para transformar o ambiente natural, como os manguezais, para produzir a sua subsistência (DIEGUES, 2004). Na concepção do autor a essência da pesca artesanal é estabelecida pela intensa relação entre o pescador e a natureza, por acontecer na inter-relação do conhecimento com o “[...] meio-ambiente, condições de marés, identificação dos pesqueiros e manejo dos instrumentos de pesca. Este conjunto de conhecimentos faz parte dos meios de produção dos pescadores artesanais” e constituem a dinâmica de vida e subsistência nas Comunidade Tradicionais Pesqueiras (DIEGUES, 2004, p. 188).

As crianças da Pontinha do Bacuriteua enunciam em seus discursos que aprenderam a pescar peixes e crustáceos e a confeccionar os instrumentos da pesca artesanal com os seus pais e outros membros da família. Aprenderam com seus familiares a extrair da terra a isca, como as minhocas que servem de alimentos atrativos para a pesca do peixe. Assim como, usam barriga de sardinha e restos de galinha para servir de isca para a pesca do siri.

Figura 2 - Iscas para a pescaria

Fonte: Autores, 2019.

A pesca artesanal emerge nos discursos das crianças como atividade permeada por saberes culturais construídos na Comunidade de forma geracional, é um saber socializados do adulto para a criança por meio da observação das práticas e dos diálogos entre pais e filhos.

Bia (12 anos): *Eu aprendi a pescar com o meu pai. Quando ele ia pescar, às vezes eu ia com ele, aí eu via como ele jogava a rede na maré, como ele lançava a linha na água. [...] eu também perguntava muito como era que pescava. [...] um dia que eu fui com ele no barco lá pro rancho, [...] no caminho [...], eu joguei a linha na água e um peixe fisgou a linha, aí eu puxei, e veio o peixe, [...] assim que eu aprendi a pescar.*

Maria (10 anos): *Foi com o meu irmão que eu aprendi a pescar, vendo ele pescar. Ele me ensinou a pescar peixe na linha, jogar o anzol com a isca. Depois que ele me disse como era pra fazer, eu joguei pela primeira vez a linha na água, e aí eu pesquei.*

Para as crianças da Pontinha do Bacuriteua a pesca não se constitui como uma obrigação assume o sentido do divertimento, causa prazer, alegria e interação entre os pares. Nessa intensa interação entre a criança e o Rio Caeté, nasce uma grande intimidade social, a qual é responsável por promover ricas e significativas experiências entre as crianças na simbiose com a natureza.

Pedro (10 anos): *[...] é legal aqui, dá pra tomar banho, pescar, brincar.*

Henrique (12 anos): *É a gente mesmos que gosta de vim pescar, que vai, faz a linha, pega a isca e pesca. Fazemos isso porque gostamos mesmo.*

Maria (10 anos): *[...], pescar é muito divertido.*

A pesca artesanal para as crianças da Pontinha do Bacuriteua tem um sentido de brincar, de cultura e um significado social do trabalho como atividade para subsistência da

família, ainda que estejam inseridas nas práticas pesqueiras com os pais, para elas não existe obrigatoriedade de praticar, pois essa atividade culturalmente é função do adulto, o responsável pela família com questões econômicas na Comunidade.

Os discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua revelam a pesca artesanal como tempo e espaço de brincar, do aprender e ensinar, de socializar e interagir com o outro, também, como atividade produtora das culturas infantis. Para elas a pesca tem significado de linguagem corporal e cultural com outras crianças, com o Rio Caeté, o mar, os peixes, os instrumentos de pesca, sobretudo nos brincares e diálogos no momento da pescaria.

Bia (12 anos): *Eu venho pescar porque eu quero mesmo, porque eu gosto de pescar, eu gosto de tá na água. Quando eu pesco eu me divirto muito com as outras crianças.*

Maria (10 anos): *A gente pesca porque é divertido, é bacana.*

José (12 anos): *Eu acho que todo mundo aqui (criança) gosta de pescar. Pescar é divertido, é uma aventura, é um desafio.*

Cada criança atribui a pesca um sentido e significado particular que diz respeito a relação que foi construída individualmente com o manguezal, entretanto, as relações forjadas pela pesca artesanal são resultados de momentos de divertimento e prazer, por isso, comumente as crianças associam a pesca com o sentimento de satisfação, lugar de desafio e criação de novas relações com o meio natural.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina, na pesca artesanal, estabelecem com o ambiente natural de manguezais uma relação auto criativa por meio de instrumentos específicos para a realização da pescaria, tais como: canoas, redes de pesca, landruá², musuá³, dentre outros objetos que são confeccionados pelos próprios pescadores e pelas crianças na produção do seu sustento, ou seja, elas transformam a natureza a seu favor e ao mesmo tempo criam condições para a própria existência, nesse processo modificam e são modificadas pela natureza (FRIGOTTO, 2009).

Nos discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua aparece a pesca artesanal como meio de produção do trabalho, pois transformam as suas habilidades físicas e mentais em saberes culturais e recriam as próprias ferramentas utilizadas na atividade pesqueiras que protagonizam, por exemplo, a confecção da linha para a pesca de peixes.

Figura 3 - Linha para a pesca de peixe

Fonte: Autores, 2019

A linha de pesca é um instrumento muito utilizado pelas crianças na pesca artesanal de peixes, elas apresentam grande domínio e presteza para confeccionar esse objeto. A construção da linha de pesca é um saber que tradicionalmente é socializado entre pais e filhos, dessa forma, as crianças enunciam que para a construção desse instrumento é necessário linha de náilon, anzol e uma chumbada.

Miguel (11 anos): [...] tem que ter a linha de náilon, aí na ponta dessa linha, a gente amarra o anzol, e um pouco antes do anzol, tem que amarrar a chumbada. Aí é assim, tem o anzol, na ponta do anzol a gente coloca a isca, aí a gente joga esse anzol na água, e deixa, aí tem que esperar o peixe pegar e comer o anzol, aí quando fisgar tem que puxar, aí pega o peixe.

O acesso a esse saber tradicional da construção da linha para a pesca, está alicerçado nos conhecimentos e nos discursos de outros (Bakhtin, 2003). O acesso a esses discursos fornece subsídios para que cada criança possa construir a sua própria linha, ou seja, a aquisição desse saber através do discurso do adulto, oferece às crianças autonomia social e a possibilidade de construir novas formas de realizar a pesca.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua ainda apresentam formas diferenciadas para pescar siri com o uso de instrumentos artesanais de pesca.

Mateus (11 anos): O siri tem um bocado de jeito pra gente pescar, com a rede, a gente joga a rede, aí ele vai pro fundo da água [...] aí a gente espalha a rede, e vem puxando rápido, aí os siris vão se malhando na rede, ai cada vez que eles se mechem mais, eles vão se atrapalhando na rede. Tem o Landruá, que é uma rede presa em um ferro redondo que tem um bocado de cordinhas, aí tem o fio preso e o isopor também pra saber onde a gente colocou o Landruá, e também a gente coloca dentro uma pedra, pra correnteza não arrastar, aí a gente coloca a isca de carne, frango, o que tiver, ai ele vem comer.

As formas que a pesca arsenal de crustáceos podem assumir nas práticas infantis, revelam os saberes que as crianças acumulam durante a realização de cada atividade comunitária, e principalmente familiar. Elas internalizam a forma como cada instrumento deve ser usado, desenvolvem habilidades específicas para manusear cada elemento em função da captura dos animais.

Figura 4 - Landruá para a pesca do siri



Fonte: Autores, 2019.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua são conhecedoras de métodos artesanais variados, apresentam domínio dos saberes tradicionais concernentes aos diversos instrumentos da pesca artesanal utilizados cotidianamente pelos seus pais na Comunidade. Os saberes acerca desses instrumentos de pesca, apontam a proximidade das crianças com a atividade de pesca, pelas experiências com o Rio Caeté, o mangue e a Comunidade.

A apropriação dos saberes pesqueiros é resultado de ricas experiências protagonizadas pelas próprias crianças na interação com o Rio Caeté e o manguezal. A construção das experiências infantis no contexto pesqueiro, “[...] está diretamente relacionada à aquisição de conhecimentos, construídos por diferentes saberes presenciados e vividos por cada ator social, que imprescindivelmente registrará uma marca cultural [...]” no seu modo de pensar e agir (CORRÊA, 2018, p. 72). Ao terem contato com elementos e objetos que constitui a cultura local, as crianças não estão simplesmente internalizando um conhecimento cultural específico, elas do mesmo modo estão transformando, reinventando e principalmente produzindo suas culturas infantis.

Ao se apropriarem e ressignificarem os saberes tradicionais da Comunidade que circundam o universo infantil, as crianças estão se auto organizando em função da aquisição

de saberes específicos pesqueiros. O acesso às práticas da pesca artesanal assume no discurso das crianças um caráter educativo, a partir dessa compreensão as crianças estão reconhecendo a natureza social do trabalho pesqueiro na subsistência da Comunidade. Isso colabora para que as crianças da Pontinha do Bacuriteua estruturem a sua auto-organização da vida social.

As crianças realizam a auto-gestão de suas ações pesqueiras, de modo a organizar suas próprias experiências com o mundo social (PISTRAK, 2011). Elas, no ato de pescar definem quais instrumentos serão utilizados, o que será pescado e o local onde irão pescar.

Miguel (11 anos): *Quando a gente marca pra ir pescar com os meninos, a gente primeiro vê se tem isca, porquê sem isca não dá pra pescar, né? Depois escolhe o lugar, pode ser aqui na beira da maré, ou na firma. Se a gente for pesca peixe, a agente leva as linhas, se for siri a gente leva o landruá.*

O discurso de Miguel revela a autonomia que as crianças desenvolveram em função dessa atividade. A construção dessa autonomia é um reflexo da necessidade que esses sujeitos possuem em protagonizar suas próprias atividades pesqueiras. Ao articular-se com seus pares, as crianças estão organizando-se e buscando as melhores possibilidades para realizar tal ação, tomando decisões em prol do objetivo em comum.

As crianças assim como em outros grupos geracionais se constituem como um coletivo, “[...] quando estão unidos por determinados interesses, dos quais têm consciência e que lhes são próximos” (PISTRAK, 2011, p. 146). Desse modo, quando dialogam sobre como, onde e o que vão pescar, as crianças estão ao mesmo tempo, compartilhando saberes e construindo suas identidades.

Figura 5 - Pesca com os pares



Fonte: Autores, 2019.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua privilegiam a pesca com os pares, poucas foram as vezes que observamos crianças pescando de modo individual. Pescar em grupo para as crianças representa um momento de partilhar conhecimento entre si. Elas dialogam sobre as melhores formas de capturar o peixe, conversam sobre assuntos da Comunidade, trabalho e curiosidades que tenham descoberto na escola. Estar em grupo colabora para a construção de conhecimentos e para a produção das suas culturas infantis no momento da pesca.

Os enunciados das crianças sobre a pesca artesanal, também são tecidos por uma polifonia, pois a pesca se mostra na voz do outro. No discurso a seguir, a voz da mãe de Mateus emerge atravessada em seu discurso ao dizer que não existe obrigatoriedade em exercer atividades referente a pesca. Bakhtin (2004) afirma que os discursos são forjados nas experiências do sujeito e o meio social, essa relação se constitui por meio da negação da criança em dizer que a atividade da pesca não é um trabalho de crianças.

Mateus (11 anos): *Eu venho pescar porque eu gosto, não sou obrigado. A mamãe disse que a gente não é obrigado a vim e também disse que a gente não é obrigado a fazer nada se a gente não quiser fazer.*

Os discursos infantis mostram a pesca artesanal com sentido de prazer, alegria e divertimento, uma ação que une as crianças, não por ser uma obrigação, mas por permitir uma intensa e rica experiência e vivência com o ambiente e a natureza. É para elas um traçado cultural entre a prática social e a natureza, elas se reconhecem no seu contexto histórico e compreendem o lugar de pertencimento da Comunidade Tradicional.

Nas Comunidades Tradicionais costeiras a pesca é responsável por formar as práticas econômica, sociais e simbólicas dos pescadores e moradores, por esse motivo assume grande centralidade na dinâmica social dessas Comunidades (DIEGUES, 2004).

Na pesca artesanal se manifestam aspectos do trabalho, lazer, consumo, saberes culturais, o brincar, enquanto práticas em movimento, entre uma prática e outra. Conforme aponta Diegues (2004), Oliveira e Maneschy (2014) em Comunidade Tradicional costeira existe um saber intercultural, que é socializado pela oralidade entre os moradores, que se relacionam entre conhecimento e saberes históricos pelo modo de sociabilidade do trabalho (SOUZA, 2014). A pesca artesanal na ótica infantil, é resultado de um processo dinâmico entre as crianças e a natureza. É ainda permeado por distintas experiências, que incidem

diretamente na construção das habilidades corporais e cognitiva de cada criança na apropriação dos saberes tradicionais pesqueiros e na construção de suas identidades.

5 Crianças e o trabalho

O trabalho é uma categoria fundante da vida humana pela Filosofia de Marx (2010). O trabalho é uma realização humana com a natureza a fim de produzir a sua subsistência. Sem o trabalho o homem/mulher não sobrevive no ambiente natural, eles precisam de trabalho e educação para modificarem o seu modo de vida, por isso ele/ela modifica e determina a sua relação com a natureza.

Por ser o trabalho uma atividade essencial ao ser humano “põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural em uma forma útil para sua própria vida” (MARX, 2010, p. 211). O trabalho na sua gênese ontológica é responsável por constituir a existência cultural, político, social, simbólica, estética e afetiva (FRIGOTTO, 2008).

O ser humano se constrói de modo pleno na relação entre trabalho e educação, pela necessidade de ensinar e de educar o outro. Pelo seu modo de vida, desenvolve as potencialidades das crianças pelo caráter formativo na ação humanizadora. Ao ensinar uma criança a atividade do trabalho deve relacionar na prática social, forma e conteúdo no contexto escolar (SOUZA, 2014). Assim, na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina, a pesca assume relevância na forma de organização social e um modo de vida singular. Para Oliveira e Maneschy (2014, p.123), no modo de vida costeiro “[...] não há separações radicais entre o trabalho e as demais esferas da vida social, como sociabilidade, religião, obrigações familiares e vicinais.”

O trabalho se entrelaça a dinâmica de vida da Comunidade e atinge os grupos geracionais. As crianças estabelecem uma íntima relação com o trabalho de seus familiares, elas observam atentamente a utilização dos instrumentos de pesca e aprendem sobre os saberes tradicionais necessários para a realização da pesca. A interação discursiva presente na relação entre as crianças e seus familiares sobre o trabalho na pesca é o elemento essencial para que as crianças produzam significados e sentidos em relação aos ofícios de seus familiares.

Desse modo, as crianças da Pontinha do Bacuriteua revelam saberes culturais acerca do ambiente natural do Rio, dos manguezais, dos peixes, do caranguejo, camarão e siri. Elas

compreendem os ciclos naturais relacionados a maré, a lua e ao período do defeso que influenciam a existência do seu modo de vida. O cotidiano das crianças é tracejado pela inserção na pesca, no extrativismo, na vida familiar, no lazer, na escola e no brincar.

Figura 6 – Interação entre crianças e animais do manguezal



Fonte: Autores, 2019.

Cotidianamente as crianças estabelecem relações com o manguezal. Elas interagem com os animais, observam seu modo de vida, sabem quais animais podem ser consumidos e a forma como devem ser pescados. Os saberes são construídos a partir dessa intensa interação que se constitui no observar e no tocar. É dessa forma que os conhecimentos pesqueiros vão gradativamente sendo assimilados e ressignificados pelas crianças.

O reconhecimento do trabalho da pesca pelas crianças da Pontinha do Bacuriteua reflete em “[...] formas culturais de ação que transformam sua maneira de se expressar, pensar, agir e sentir” (OLIVEIRA, 2011, p. 130). As crianças passam a compreender a prática pesqueira e a valorizar como meio de subsistência para a Comunidade.

Bia (12 anos): Meu pai é pescador, o trabalho dele é muito importante pra mim e pra toda a minha família. A pesca é a nossa vida porque é de lá que a gente tira nosso sustento.

Diogo (08 anos): Pescar é importante pro meu avô, pra minha avó, pra todo mundo lá em casa, porque é do mar que a gente tira o peixe pra comer e vender.

Miguel (11 anos): O trabalho do pescador é muito importante, sem ele ninguém come peixe, camarão, caranguejo, não come nada que tem aqui.

Pedro (10 anos): O trabalho do meu avô é importante, ele é pescador. Com o dinheiro que ele ganha dá pra comprar as coisas, roupa, comida, pra poder sustentar a nossa família.

O trabalho na concepção de Pistrak (2011) é uma atividade pedagógica, que deve proporcionar às crianças a auto-organização da vida social, a fim de criar a sua própria existência. Para as crianças da Amazônia bragantina o trabalho representa partilha de saberes e aprendizados, tem um significado valoroso, pois estão em constantes desafios sobre aprenderem o modo de pescar.

José (12 anos): *Eu aprendi a pescar com o meu tio, eu acompanhava na pesca, vendo tudo. Ele ia me dizendo, falando as coisas da pesca, até que um dia ele me deu a linha e eu joguei na maré, aí eu pesquei.*

Miguel (11 anos): *Pescar é fácil, eu aprendi tudo com o meu pai, vendo ele fazer, ele ia falando tudinho como era pra fazer. Aí foi assim que eu aprendi a pegar caranguejo, siri, peixe e camarão.*

Os discursos das crianças estão carregados de sentidos atribuídos a pesca artesanal como um trabalho extremamente necessário para a subsistência das famílias. As crianças são inseridas na atividade da pesca artesanal pelos pais, avós, tios e irmãos. “São atividades notadamente para o alimento da família e, para as crianças, etapa de socialização para a pesca”. A partir de uma faixa etária entre 11 (onze) e 15 (quinze) anos, os meninos vão aos locais mais distantes, geralmente acompanhando os pais, que são os principais responsáveis na iniciação dos ‘tiradores’ (OLIVEIRA; MANESCHY, 2014, p. 133). Culturalmente, os adultos ensinam as crianças o trabalho com a pesca artesanal. Segundo Diegues (2004, p. 232) são saberes construídos no cotidiano das famílias, “[...] transferidos de pais para filhos e guardados cuidadosamente pelos pescadores”.

A relação estabelecida entre o trabalho e a criança, constrói a ação humanizadora do trabalho como necessário a existência humana. A pesca enquanto um trabalho “[...] revela-se como um tempo-espço de ensino-aprendizagem por excelência, e por meio do qual as crianças, ao serem inseridas no exercício das atividades produtivas, vão se auto produzindo como seres sociais [...]” (CORREA; RODRIGUES; ARAUJO, 2018, p. 92).

Os discursos das crianças expressam em grande medida a valorização do trabalho na pesca realizada por seus familiares. Esse reconhecimento é construído em virtude da relação que as crianças constroem com a pesca, os animais, o manguezal e principalmente na interação dialógica com os seus pais, mães, tios, avós e irmãos. Apropriar-se desse contexto, garante que cada criança reconheça no trabalho do pescador/pescadora a sua própria formação cultural.

5 Considerações finais

O presente estudo analisou os sentidos e significados presentes nos discursos de crianças residentes na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua no entorno de manguezais da Amazônia Bragantina, sobre a pesca artesanal e o trabalho. A pesquisa revela a partir dos discursos das crianças dessa localidade um intenso processo de interação geracional e apropriação dos saberes pesqueiros. Existe nesse contexto uma relação indissociável entre as crianças, a pesca artesanal e o trabalho. Nessa interação socioambiental, as crianças constroem culturas, saberes, ações e representações acerca desse lugar.

A pesca artesanal sob o olhar e o discurso das crianças ganha novos sentidos e significados, assume a condição de divertimento, do brincar, da alegria e do prazer. É o espaço/tempo de formação social, de criação e recriação entre os pares. É o lugar de produção cultural infantil, onde o contato com o Rio Caeté e o manguezal promovem ricas experiências culturais e educativas.

A singularidade das crianças concernente à pesca artesanal permite perceber que o caráter formativo da pesca artesanal está na relação entre saberes pesqueiros afirmando a presença do trabalho educativo como formador da vida social. A pesca artesanal protagonizada pelas crianças revelou-se como uma atividade permeada de esquemas educativos, culturais e saberes tradicionais. As ações de correr, pular, pegar, arremessar, mergulhar e subir em árvores contribui significativamente para o processo de aprendizagem social das crianças, além de ser um importante movimento de troca entre as elas e o meio natural.

A pesquisa ainda revelou o sentido que as crianças atribuem ao trabalho. Nos discursos das crianças o trabalho assume a condição de criação material, pois as crianças reconhecem o valor do trabalho realizado por seus familiares no contexto pesqueiro. Esse reconhecimento e admiração revela a condição ontológica do trabalho como uma ação humanizadora. As crianças reconhecem o trabalho na pesca como essencial para o sustento das famílias e o pescador como uma profissão de extrema relevância para a Comunidade. Entretanto, as crianças enunciam o desejo de possuírem outras profissões, sem desconsiderar a relevância do trabalho na pesca realizada por seus familiares.

Os discursos das crianças sobre a pesca artesanal e trabalho, reafirma a necessidade de reconhecermos esse espaço tradicional pesqueiro como lugar de formação, propício para

a construção de uma prática pedagógica que articule os saberes pesqueiros aos conteúdos escolares, sendo um movimento necessário quanto a valorização da cultura e conhecimentos tradicionais dessas Comunidades. As percepções construídas mediante o desenvolvimento do presente estudo permitiram compreender que as crianças da Pontinha do Bacurituba são por excelência atores sociais, sujeitos que na interação com o mundo pesqueiro são capazes de produzir as suas próprias culturas. O estudo com, e sobre, essas crianças permitiu-nos dialogar com sujeitos de um contexto singular, e principalmente oportunizou conhecermos a dinâmica de vida das crianças que tem o Rio Caeté e o manguezal como espaço de sustento.

Concluimos que valorizar as infâncias pesqueiras é reconhecê-las como sujeitos sociais. É compreender que seus saberes tradicionais podem colaborar com seu processo formativo. É permitir que cada elemento de sua vida diária possa contribuir com a sua formação cultural, social e humana. Valorizar as culturas infantis é garantir o direito de ser criança.

Referências

- ABDALA, G; SARAIVA, N; WESLEY, F. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu**. V. I - Diagnóstico da Unidade de Conservação. Brasília: ICMBio. 109 p. 2012.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª edição. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2d. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2008.
- CORREA, R. N. G; RODRIGUES, D. do S; ARAUJO, R. M. de L. Práxis produtiva, metamorfoses no mundo do trabalho e processo de constituição de identidade entre trabalhadores na Amazônia paraense. **Trabalho Necessário**. V. 16, nº 31-2018. ISSN: 1808-799x. P. 85-111.
- CORRÊA. J. do S. L. **A criança e o Mar**: saberes e infâncias em ambientes costeiros na Amazônia. Curitiba: Appris Editora, 2018.
- DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. (Org). 7. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- DIEGUES, A. C. **A pesca construindo sociedade: sociedades leituras em Antropologia Marítima e Pesqueira**. São Paulo: Nupaub-USP, 2004.

FRIGOTTO, G. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **PERSPECTIVA**. Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun. 2001.

FRIGOTTO, G. **Trabalho**. Dicionário da FIOCRUZ. São Paulo, 2009.

FRIGOTTO, G. **Trabalho**. In. Dicionário Educação Profissional Saúde. Organizadores: Isabel Brasil Pereira; Júlio César França Lima. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, EPSJV, 2008.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília-DF: Líber livro, 2005.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: livro I**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 27ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

OLIVEIRA, M. do V; MANESCHY, M. C. A. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 9, n. 1, p. 129-143, jan.-abr. 2014.

OLIVERIA, Z. de M. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho -3. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SOUZA, A. P. V. e. **As Culturas Infantis no Espaço e Tempo do Recreio: Constituindo Singularidade Sobre a Criança**. 2009. 166 f. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal do Pará, Ciências da Educação, Belém, 2009.

SOUZA, A. P. V. e. **Trabalho Infantil: Uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho**. 2014. 195 f. Tese de Doutorado em Educação- Universidade Federal do Pará, Ciências da Educação, Belém, 2014.

Notas

¹Natureza da Pesquisa e a sua vinculação com a Universidade Federal do Pará, Campus Bragança; Participantes da Pesquisa referindo-se as crianças; Envolvimento na Pesquisa; Sobre as conversas dialogadas (rodas de conversa); Riscos e Desconforto; Confidencialidade; Benefícios e Pagamentos.

²Armadilha confeccionada artesanalmente para a captura especificamente de siri. Consiste em uma armação redonda de ferro, amarrado a uma rede ou tela de náilon, formando um funil onde o siri ficará preso ao tentar capturar isca.

³Instrumento de pesca construído artesanalmente para a captura de peixes e siri. Consiste em uma armação de madeira retirada do próprio ecossistema de manguezais, agrupadas por meio de amarrações apresentado pequenos espaçamento entre uma madeira e outra. Possui formato cilíndrico e nas suas extremidades existem uma pequena abertura na qual entraram os peixes e siri.

Sobre os Autores

Marcos Vinicius Sousa de Oliveira

Graduando no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus Universitário de Bragança. Atualmente é Bolsista no Programa Integrado de

Bolsas de Iniciação Científica, por meio do Programa de Apoio ao Doutor Pesquisado-PIBICProDoutor/Revocação no Projeto intitulado: “Infâncias Entre Trabalho Educativo e Trabalho Infantil No Contexto De Comunidade Pesqueira”, vinculado ao projeto de pesquisa “Infâncias No Contexto De Comunidade Pesqueira e o Trabalho Como Princípio Educativo”, entre o período de 2018 a 2019. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação Núcleo Infâncias (GEPTEINFÂNCIAS) UFPA/Bragança.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6766-8126>

E-mail: vyunny13@hotmail.com

Ana Paula Vieira e Souza

Doutora em Educação na Linha Políticas Públicas Educacionais pela Universidade Federal do Pará. Professora da Universidade Federal do Pará. Professora da Universidade Federal do Pará do Campus Universitário de Bragança. Mestre em Educação na Linha Currículo e Formação de Professores pela UFPA. Especialista em Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa pela UFPA. Formação Pedagógica e Graduada Plena em Secretariado Executivo Bilíngue pela UNAMA. Professora do Programa Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) na Linha de Educação, Linguagens e Culturas na Amazônia. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Trabalho e Educação (GEPTE/NEB/UFPA). Coordena a Linha do GEPTE Trabalho e Infâncias em Bragança-PA. Vice-Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros (NEAB/UFPA). Desenvolve estudos e pesquisas sobre e com crianças, infâncias, culturas infantis, Trabalho Infantil, Trabalho como Princípio Educativo, Educação Infantil, Formação de Professores, Políticas Públicas Educacionais para as Infâncias. História Social da Criança na Amazônia bragantina. Ocupa o cargo de Diretora da Divisão de Ensino do Campus Universitário de Bragança. Pós-doutoranda na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Cascavel, sob a supervisão da Dra. Carmen Teresinha Baumgärtner.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3340-1866>

E-mail: paulladesa@gmail.com

Recebido em: 24/01/2020

Aceito para publicação em: 20/02/2020